

PM lança cartão da cidadania em Samambaia para resgatar imagem

Rosana Tonetti

Da equipe do **Correio**

No momento em que a opinião pública coloca a polícia brasileira contra a parede, a 2ª Companhia de Polícia Militar Independente (CPMind) de Samambaia tenta resgatar o prestígio e a imagem da instituição. E para garantir que o objetivo está sendo perseguido pelos 420 homens que formam o batalhão, a 2ª CPMind recorreu a um recurso muito utilizado para verificar a qualidade de um novo serviço: a pesquisa.

A nova tática da PM de Samambaia consiste na abordagem ao indivíduo suspeito. Antes de pôr o preso atrás das grades, o policial se identifica e lê o artigo 5º da Constituição Federal. Em seguida, o agente lhe entrega um cartão — batizado de Cartão da Cidadania — com o nome dele (policial), em que também constam os direitos constitucionais do cidadão: saber o motivo pelo qual está sendo preso, permanecer calado e informar a família ou o advogado sobre a prisão.

“Queremos preservar os direitos do cidadão, estimular o exercício da cidadania e fazer cumprir a Constituição”, afirmou o comandante da 2ª CPMind, major Eduardo Ferreira. A primeira mostra da pesquisa colheu dados de 15 das 28 pessoas presas que receberam esse tipo de tratamento. Depois de dez dias da ocorrência, relações públicas vão até a cela ou residência do cidadão para entrevistá-lo.

Os dados apontam que 80% dos cidadãos consideram que a abordagem policial foi sem violência e dentro dos preceitos legais. O cartão da cidadania conseguiu 70% de aceitação entre os entrevistados e 80% acham que ele deve ser implantado nas polícias militares.

“Eles agiram bem comigo. Quem deve teme, quem não deve não teme”, disse o serralheiro Rogério Ferreira da Silva, 32 anos, que foi preso para averiguação por porte ilegal de arma no dia 7 de abril. Alguns dias depois, o tenente Adão Macedo o procurou para fazer a entrevista em sua casa.

No dia 9 de abril, o gari Janduir Pereira da Silva, 22 anos, foi encaminhado à 26ª Delegacia de Polícia de Samambaia por dirigir sem carteira de habilitação e os documentos do carro. “Eles estavam certos, errado era eu. Não sofri nenhuma violência e eles falaram para mim sobre os meus direitos”, afirmou Janduir.

O tenente Macedo afirma visitar uma média de 20 pessoas que sofreram abordagem policial. “Mas nem todos estão em casa ou querem nos receber”, contou.